

Jacinto Torres, um mestre da pesca do cerco

Jacinto Torres nasceu em 1931 em Sines. Ainda jovem vai trabalhar para um armazém a amarrar redes e com 15 anos embarca pela primeira vez na traineira “Laida”. Aos 21 anos torna-se mestre da embarcação e, ao longo da sua carreira, governa muitas outras traineiras. Nas linhas que se seguem deixa-nos o seu testemunho da faina da pesca do cerco, dos seus sucessos e das suas tormentas.

Da cortiça para o armazém da pesca

Com 12 anos, andava a dar cortiça à banca. Trabalhei na Hauser e Fernandes, um tio meu era o encarregado da fábrica. Ganhava 20\$50 à semana. Um outro tio meu governava uma traineira que era a “Aventureira”, que era do Tenente Seixas. Pensei: “Vou para o armazém, vou aprender a amarrar rede, safo-me melhor”. Naquele tempo a sardinha já era 200 mil réis a caixa, no tempo da II Guerra Mundial. No primeiro dia que fui para lá trabalhar, ganhei 50\$00. Nunca tinha comido chocolates na minha vida. Fui à Ribeira de Cima, à Taberna do Tio Manuel Vale Boi, e comprei uma mão cheia.

À pesca nas traineiras

Comecei a andar no mar com 15 anos. Aos 17, era mestre da aberta de uma traineira em lugar de um camarada que era de Sagres, que estava doente. Com 21 anos, o mestre que estava na “Laida”, o José Faustino, foi para Lagos e eu fui para o seu lugar. Em sete meses de governar o barco, trazia o barco cheio de peixe, sardinhas, choupas e sargos. Mas entretanto o José Faustino voltou e eu fui para Sesimbra, onde estive um ano e meio com a minha mulher e os meus filhos ainda pequenos. Quando voltei para Sines, vim para a traineira do Baía Baía, a “1.º de Maio”, e estive lá um ano e tal, antes de voltar à “Laida”, quando tinha 24 anos.

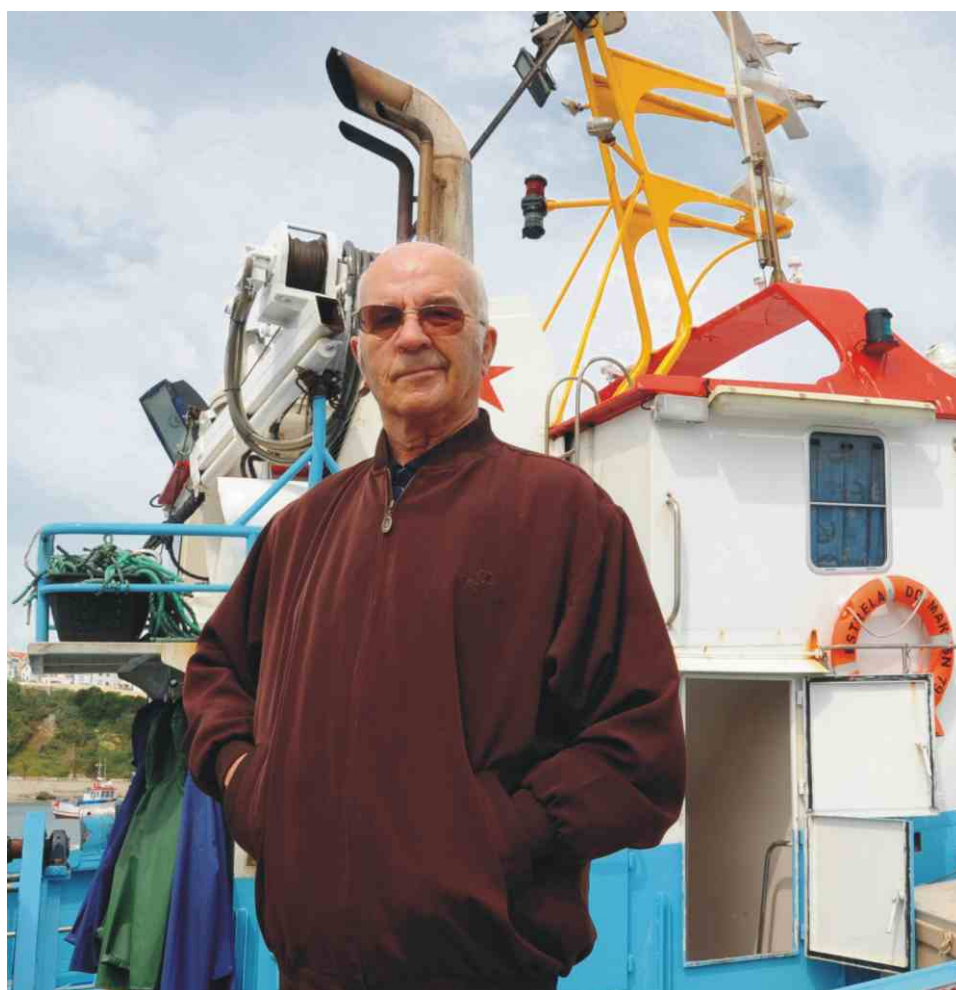
Depois da “Laida” fui governar a “Bom Pastor”, que era do Mestre Jacinto do Forno. No outro ano fui governar a “Bem Haja”, que era do mesmo dono.

Entretanto comprei dois barcos, uma traineira, a “Mélinha”, e uma enviada, a “Silvina”. Uma vez vínhamos do mar, de tarde, e no altifalante da Ribeira avisaram-me: “Mestre Jacinto, faz favor de chegar aqui à terra”. Era o patrão da “Estrela do Mar”, o José Faria, a pedir-me para ir governar o barco no lugar dele. Andámos nele nesse ano e ainda deu para comprar outro barco, a “Fé”, em Peniche, que era maior, e “A Estrela do Mar” ficou para enviada. Nesse ano fomos campeões de norte a sul do país, fomos o barco que vendeu mais dinheiro. Andei lá sete anos e meio. Depois saí e voltei para os meus barcos. Trespassei a “Mélinha” ao meu sócio, o Zé Mercúrio, e fiquei com a “Silvina”. Depois vendi a “Silvina” por cem contos para Setúbal. Mais tarde fui governar a “Senhora das Salvas”, do Manuel André. Eu ganhava cinco vezes mais do que um camarada. Fomos e pescámos bem.

Desafiando a natureza

Uma vez, quando tinha 19 anos, fomos para Peniche e largámos lá as redes. Trouxemos o barco e a chata carregados de charro do alto. Começa a tempestade... Ai minha mãe! O mar até à popa. Entravam os mares, iam barrando o convés. Eu grito: “joguem o peixe da chata fora, senão a chata vai ao fundo!” O peixe foi quase todo levado.

De outra vez, houve um grande vendaval e fomos de Sines para Sesimbra na “Bom Pastor”, um barco de 12 metros. Não podíamos entrar aqui na Ribeira que ela não tinha condições. O mar vinha-se a embroar, quan-



Jacinto Torres junto a um dos barcos que governou, “A Estrela do Mar” (2010)

do vinham as ondas muito altas tínhamos que controlar o barco. Entrávamos nessas ondas de frente para poder subir. Eu disse: “venham todos cá para cima, que ainda podem ter salvação”. O pessoal veio todo cá para cima, menos o meu primo António. Chegámos a Sesimbra, fomos para terra. Disse ao meu primo António, que tinha ficado lá em baixo: “Então não vieste cá para cima?” E ele diz assim: “Eu não queria ver morrer ninguém, se morresse, morria sozinho, não queria ver morrer ninguém.” Abalámos daqui à meia-noite, chegámos lá de dia. Se fosse um barco agora levava três horas até Sesimbra, a gente levava oito horas.

Quando tinha 17 anos, era mestre da aberta interino. Pus um pé na aranha [cabo que ata as argolas ao cabo de chumbo] e fui levado pela borda fora. A malta chorava por mim. O barco parou e tive sorte de não bater com a cabeça na borda do barco. Os barcos andavam pouco, a minha sorte foi o ajudante de chofer (o chofer estava a dormir), que era quem ia acordado. Ele parou o barco logo. Conseguiram-me salvar porque um rapaz de Setúbal que andava com a gente viu-me lá no fundo do mar. Eu já tinha tirado a aranha do pé. Eles estavam todos a alar rede com pressa, pensando que eu estava agarrado à aranha, quando o meu camarada vê e grita: “Está ali! Está ali, agarrado à retenida!”. Largaram a rede, e puxaram a retenida [cabo que fecha a rede de cerco] e meteram-me dentro do barco. Puseram-me de cabeça para baixo, come-

cei a deitar água pelo nariz. Ao fim de três dias ainda deitava água.

Mestre da pesca do cerco

Quando me tornei mestre, o mais novo que lá andava era eu. Era o mestre de traineira mais novo em Sines. Mas era muito difícil mandar em homens, alguns tinham idade para ser meus avós. Não havia relaxo, era sempre a trabalhar. O respeitinho era muito bom. Dei-me sempre ao respeito.

De noite, os camaradas estavam a dormir, só quem estava acordado era eu e o mestre de leme (contramestre). Aquilo era andar de mar uma noite inteira para achar o peixe. Não havia sondas, era a olho. Os camaradas vinham para cima quando o mestre via peixe e era para largar a rede. Quando, de dia, víamos alcatrazes, sabíamos que ali havia sardinhas.

De dia era raro pescarmos. Quando o sol já estava a nascer, a gente já não apanhava peixe nenhum. De noite não se sabia onde estava o peixe, corria-se o mar até Setúbal à procura. Eu ia à proa em pé, o peixe andava em cardume e fazia ardentia quando não havia Lua, parecia que o mar estava a arder. Largava-se a rede, íamos com a traineira fazendo uma roda em direcção à chata, deixávamos o peixe no meio. Muitas vezes, o peixe dava muito andamento, quando a traineira chegava à chata ele andava noutro lado. Mas quando ele estava quietinho, ó homem!

Tratando da rede

A rede era de algodão, qualquer coisinha partia aquilo. Tínhamos de andar sempre a amarrá-la. Tanto que todas as quinzenas tínhamos que levar a rede, numa camioneta, para o campo. Estendíamos a rede ao comprido além em Morgavel. Aquilo tinha chumbo e bóia. Levava o alcatrão com tinta, faziam uma mistura especial: faziam a tinta e depois metiam uma mão cheia de alcatrão dentro da tinta. Tinham um pio, iam metendo lá a rede e outros estavam a puxá-la para a ir tirando de lá. O alcatrão era aquecido nuns bidões e depois era metido no pio. Às vezes a malta que estava a puxar a rede do pio queimava-se nas mãos.

A caldeirada a bordo

Fazíamos caldeirada a bordo. Na “Bom Pastor” tínhamos três bacias de esmalte, uma à proa, outra ao meio e outra à ré. Normalmente o almoço era qualquer peixe que houvesse, com batatas, com arroz ou com uma massa de caldo. Tínhamos uma panela, dava para três bacias. À noite, tínhamos só peixe, era peixe de azeite e vinagre. No sábado, quando vínhamos do mar (no domingo não íamos ao mar), comprávamos toucinho, chouriço. Até comprávamos um bacalhauzito, sempre era bom, com umas batatas.

Na Condotte

Depois fui para a Condotte governar uma petrolina. Chamava-se “San Giovanni”. Estive lá cinco anos. As petrolinas eram aqueles barcos que levavam a pedra para o molhe. O último a lá pôr pedra fui eu.

As saudades do mar

Gosto muito do mar. O meu avô andou no mar, os meus tios andaram no mar, todos andaram no mar. E eu fui viver para a casa da minha avó quando era pequenino e comecei a deixar-me levar por aquilo e aos 15 anos também fui para o mar. Passei lá a vida toda. E até há dois anos andei no mar. Ia à pesca num bote de fibra. Tinha um camarada e ia à choupa, à safia, ao besugo. Era uma entretenha. Todos os dias ia aos Penedos ver o mar. Tinha saudades, tinha mesmo.

A partir de entrevista por António Campos, em 28 de Abril de 2010

Nota prévia

Este é o segundo número do jornal “Redes do Tempo”. Após uma primeira edição experimental, redefinimos alguns aspectos para a continuidade do projecto. Assim, optámos por integrar este jornal como um encarte do “Sineense”, o que permite uma melhor rentabilização dos recursos, com uma única distribuição, assim como reduzimos o número de páginas e aumentámos a periodicidade. Com este modelo afinado acreditamos que esta será uma ponte entre o museu e os municípios, para divulgação de muito do trabalho de investigação em curso. É um reflexo da política que seguimos, que procura tornar o visitante um participante, construtor do próprio museu, como espaço privilegiado da memória colectiva.

Queremos também pedir a participação de todas as pessoas de Sines para que deem testemunho do passado histórico de Sines através de documentos escritos, entrevistas ou depoimentos orais. Assim se construirá melhor o passado desta terra e deste concelho.

O Presidente da Câmara
Manuel Coelho

António da Costa Beja, o merceeiro dos pescadores

António da Costa Beja nasceu em Sines, na antiga Rua dos Clérigos, no ano de 1921. Desde muito cedo tomou contacto com o comércio no estabelecimento dos seus avós. Mais tarde foi proprietário da sua própria mercearia, “A Portuguesa”, localizada na Rua Teófilo Braga, onde esteve cerca de sessenta anos, desde 1945 até 2005, altura em que se retirou. Conheceu de perto Sines e as suas gentes, nomeadamente a comunidade piscatória, da qual foi um dos principais fornecedores. Neste texto, a partir de uma entrevista feita pelo Museu, dá-nos a conhecer alguns dos aspectos do antigo comércio tradicional em Sines.

Criado no comércio

Fui criado no comércio a partir dos dois anos, quando vim para casa dos meus avós. A sua mercearia ficava no final da Rua Serpa Pinto, a entrar para o Largo dos Correios. Naquele tempo era uma mercearia fraca em relação a hoje. Vendia-se as mercearias da época. Tinha tudo: era o azeite, era o arroz, era o açúcar, era o café. Havia os abanicos de palha, os esmaltes. Ainda me recordo de abrir a porta ao nascer do Sol e fechar à meia-noite. E à meia-noite ainda havia quem viesse comprar uma caixinha de fósforos ou café e meia quarda de açúcar para o dia seguinte.

Vender fiado

Vendia-se muito fiado. As pessoas compravam pouco, porque tinham pouco poder de compra, a vida era difícil e compravam em pequenas quantidades. Por exemplo, os corticeiros, os pedreiros ou os carpinteiros trabalhavam e recebiam o seu pé ao fim-de-semana. Recebiam ao sábado e depois vinham fazer contas daquilo que levavam. Pagavam ao domingo. O comércio trabalhava a semana inteira. Só mais tarde é que passou a haver horário de trabalho. As pessoas conheciam-se todas umas às outras e não havia a concorrência como há agora, embora houvesse algum estabelecimento melhor do que outro porque tinha mais poder de compra ou simpatia. Por exemplo, a casa onde eu fui criado era a casa do pessoal do campo. Vinham à praça e depois iam à casa dos meus avós fazer as compras. O pessoal da Dalda e da Ribeira dos Moinhos vinha todo à casa dos meus avós. Eu conhecia-os a todos.

Outro comércio, outros comerciantes

Os estabelecimentos eram diferentes dos de agora. Eram uma casa com uns balcões e umas prateleiras e tinham lá os artigos expostos. Havia as mercearias e havia as lojas das fazendas. Das fazendas havia o Higino, que era onde é hoje os Galegos. Havia lá em cima o Joaquim Hilário, que depois foi o Joaquim Lopes Paulo. Aquele largo era conhecido antigamente pelo Largo do Hilário. Em frente à casa dos meus avós, havia uma pessoa que eu conheci, e de quem fui bastante amigo, que foi o Joaquim Pereira da Luz, antigo comerciante de fazendas. O João Mendes da Silva tinha um estabelecimento de ferragens onde hoje é o Cana Verde, em frente ao actual BPI. Essa casa era um rés-do-chão. Depois passou para a casa cá em baixo, onde é hoje a Pop King.

Os pregoeiros e o Açougue

Não havia talhos e algumas vendas (mercearias)



António Beja ao balcão da mercearia “A Portuguesa” como está reconstituída no Museu de Sines (2008)

rias) matavam porcos. Só se matavam porcos no Verão, de madrugada. Vinham à tarde ser entregues aos comerciantes, que guardavam a carne nos quintais e a vendiam na altura própria. Faziam-se as linguças e os chouriços, fazia-se tudo e vendia-se a carne. Havia os pregoeiros, que eram os homens que andavam nas ruas a apregoar: “vende-se carne de porco à do António Beja!”.

Havia também os comerciantes de carne que matavam no matadouro, que era lá em cima em S. Marcos (que antes tinha sido uma igreja). Esses comerciantes tinham bancas na praça das hortaliças, em frente do Castelo. Tinham um armário com uma espeteira e uma rede. Tinham um cepo onde cortavam a carne e a balança para pesá-la. Além disso, havia o Açougue, na rua a que chamavam “Rua do Açougue”, hoje Rua Alexandre Herculano. Era um edifício da Câmara que vendia só carne de vaca, uma casa única, com um balcão alto, pintado de verde, e um criado. Havia uma balança grande com dois pratos e, ao fundo, um armário com uma espeteira por causa das moscas. Todos os anos, ou de dois em dois anos, ou de três em três anos, a Câmara punha aquele espaço em leilão, ou hasta pública ou por carta fechada, e era arrendada. Mas os consumidores eram “tantos” que só matavam uma vaca lá de longe a longe, não tinham dias ou semanas certas para vender. Só vendiam em determinadas altu-

ras quando algum animal partia uma perna e mesmo assim metade da vaca era vendida em Sines, metade ia para Santiago. Sines não tinha consumo para vender a carne toda de uma vaca.

A Praça Velha

No Castelo, cá fora, em frente à cadeia, era a Praça Velha. As bancas só trabalhavam aos domingos e a Câmara tinha o António da Avó e outros mais, que eram os varredores, que iam buscar as bancas e que as guardavam, lá em cima, num quintal junto do Açougue. Na Praça, vendiam-se hortaliças e frutas. Havia as bancas do Paixão, do Folques, do meu tio Francisco Beja, e poucos mais. Havia também os dos panos. O peixe era vendido cá da parte da saída, para o Higino [actual Pastelaria Vela de Ouro]. Se bem que, antes, vendiam o peixe aí pela rua, em dois cabazes com um pau. Traziam os cabazes, metiam o pau ao ombro com os cabazes e com os peixes, e assim corriam a vila toda a vender. Mais tarde dedicavam-se a vender o peixe no largo onde está o chafariz.

O início de “A Portuguesa”

Comecei a ver aquela casa em pequenino, quando entrei para a escola, aos quatro anos, do sótão da casa do Casimiro Gomes (por cima do “Novo Mundo”, depois “Sacristia”), onde ia às vezes. O Maurício (o dono de “A Portuguesa” na altura) vendia muito as caixinhas-surpresas, uma caixinha pequenina que tinha lá meia dúzia de amêndoas e um rebuçado ou dois e mais um boneco de estampar, que se utilizava muito.

“A Portuguesa”, quanto a mim, foi construída pelo Jacinto Pablo (primo do Domingos Pablo), que era de Grândola. Foi ele que renovou aquele edifício, no princípio do séc. XX,

segundo o que me foi dito pelo Jacinto Gazil, filho do Manuel Gazil, que em princípio era quem era para ir para lá. Entretanto apareceu o pai do António Daniel da farmácia a fazer aquele edifício em frente, que é onde estive o “Novo Mundo” [uma outra mercearia de Sines], para onde o Manuel Gazil depois foi, e o Pablo ou vendeu ou trespassou “A Portuguesa” ao Maurício de Almeida Fonseca.

Os azulejos que lá estavam eram os primitivos, do tempo do Pablo. Em cima do painel estava o nome do fundador daquela casa, que o Maurício depois picou, tirou o nome que lá estava e colocou uma chapinha de latão com o nome dele.

Aquela mobília constou-me que veio de Lisboa, de um outro estabelecimento. Quando o Pablo fez aquela casa, montou logo as prateleiras interiores e as duas exteriores. De forma que foi assim que continuou até eu fechar. Aquelas prateleiras eram todas em casquinha, casquinha boa, com uma pintura como não se faz hoje, porque não há pintores capazes de o fazerem. As pinturas ainda lá estão, pode-se certificar.

E de forma que o Maurício esteve ali até que trespassou ao Abel Arreventa. O Abel deu-se mal com aquilo e só lá esteve dois anos, coisa assim. Depois trespassou-me em 1945.

Uma mercearia para os pescadores

Fui para lá porque deixei o balcão dos meus avós. O meu avô morreu em Julho de 1943, e o meu tio Ramiro ficou com a casa. Estabelecime em 1945, salvo erro, no dia 16 de Agosto de 1945. E depois, em 1949, casei-me e segui a minha vida com “A Portuguesa”. Ali vendia de tudo. Era uma casa de mercearias, vendia vinho também e muitos artigos de pesca.

Antigamente os pescadores faziam uma pesca diferente da que fazem agora. Eram uns bar-



cos pequenitos, pescavam à linha com um anzol e um bocado de seda. Tinha um arame e a caninha e assim é que pescavam tanto nos barcos (nos botes) como pelas pedras (na Costa do Norte). Comecei a trabalhar assim e fui andando. Mais tarde, o trabalho já era com os aparelhos, com uns anzóis diferentes, com uns chumbos, e depois vieram as redes e eu fornecia isso tudo. Vendia tudo quanto eles precisavam: cordas, cabos, retenidas para as traineiras.

Os meus fregueses eram os marítimos. Quando passou a haver barcos maiores, eles começaram a precisar de mais anzóis, de mais redes e de mais cabos, e começaram a levar e só pagavam depois, quando podiam e queriam. E eu aguentava. Ainda me endividei, fui ao banco buscar dinheiro algumas vezes para pagar a quem devia, porque eu nunca devolvi uma letra em toda a minha vida, cumpri sempre, tenho esse prazer. E assim fui andando. Houve uma altura em que ajudei em tudo quanto fosse preciso. Estavam os pescadores o Inverno todo com o fiado. Só me pagavam no Verão, quando tinham algum dinheiro mais, quando podiam, por causa dos vendavais. Antigamente fazia uns vendavais diferentes de agora, porque um vendaval agora faz mas não se sente tanto por causa dos molhes. O vendaval que fazia ali do norte, ali do lado da Perceveira, inundava a praia. A praia andava sempre inundada, descobria as pedras e andava tudo ali num sarilho.

Os fornecedores

Vinham cá a Sines os viajantes que eram os revendedores dos armazéns. Na Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa) havia muitos estabelecimentos, e vinham muitos a Sines. Não havia transportes, não havia caminho-de-ferro, não havia estradas, não havia nada. Os transportes eram o barco da carreira, um barco em ferro, que fazia a carreira Algarve - Sines - Lisboa - Sines - Algarve e trazia passageiros e mercadoria. Os viajantes vinham antes fazer as vendas. Vinham vender o açúcar, o arroz, o sabão, a massa. E de forma que os armazéns enviavam pelo barco as mercadorias. Eu gastava dos armazéns de Lisboa, de Setúbal, de Grândola, de Santiago, de Sines, de Beja e do Algarve. E gastei dos armazéns quase todos do norte, do Porto, ainda gastei de Coimbra, de Viana do Castelo. Posso citar-lhe alguns: J. Rodrigues Simões, Pedro Lourenço, António Madeira Leitão. Comprei muita corda na CUF, que era no Barreiro, uma grande fábrica. Era a melhor corda que eu vendia. Muita rede vinha da Luso-holandesa de Matosinhos.

“A Portuguesa” no Museu

Quando vi “a Portuguesa” no Museu fiquei muito satisfeito. Está muito bem exposta para mercearia da época. Trouxe-me muitas memórias. Foram 60 anos que lá estive como comerciante. É uma parte da minha vida que está ali. Fiquei encantado.

A partir de entrevista por António Campos, em 13 de Janeiro de 2009.

Custódia Rocha, uma vida à beira do mar

Antiga operária corticeira e filha de uma família de pescadores, Custódia Maria Patrício Rocha, 85 anos, vive no Bairro Marítimo desde finais dos anos 50. Conheçamos a sua história de vida, que se confunde com a história popular de Sines de quase nove décadas.

O meu pai e o meu marido

Na minha família, tanto o meu pai como os meus irmãos, andavam ao mar. O meu marido era do Algarve, mas desertou e veio para Sines. Vivia em casa de um tio, o Adivinhão. Foi aí que nos conhecemos. A mulher do Adivinhão era minha tia e eu frequentava a casa.

O meu Zé começou a andar ao mar em barcos pequenos. Mais tarde foi andar com o meu pai, no barco dele, chamado “Não Pode Ser”. Este barco era de sociedade com o Restinguinha, que tinha a taberna onde hoje é o restaurante “Restinguinha”. Mas antes possuiu um que se chamava “E Tudo o Vento Levou” e outro que era o “Estrela de Sines”.

O barco do meu pai era à vela, apanhou grandes temporais. Pescava à linha safios e moreias. O nome do meu pai era António Patrício, mas era conhecido por António Moleiro. A família do meu marido tinha a alcunha de “Meco”, mas quando ele veio para Sines apanhou a alcunha do meu pai e ficou a ser conhecido por Zé Moleiro.

A gente no outro tempo passava muito. Os Invernos eram muito rigorosos. Passávamos muitas necessidades. Comprávamos fiado no Zé de Santos e depois o Carlos tomou conta da mercearia e continuou a dar fiado. Uma vez o meu pai e o meu marido apanharam um ciclone muito grande, estiveram desaparecidos e foram dados como mortos. Foram parar muito longe, para os lados de Melides.

Quando veio a Condotte a nossa vida melhorou. O meu marido conseguiu arranjar trabalho a bordo do batelão e começou a ter um ordenado certo. Nessa altura já as coisas não estavam muito bem para os pescadores e foi por isso que ele pediu trabalho na Condotte.

A minha mãe e os meus irmãos

A minha mãe trabalhava na fábrica do peixe [Júdice Fialho] e eu na fábrica da cortiça. Trabalhei em várias fábricas de cortiça, na “António Carrilho”, na “Abel Raposo”, na “José Godinho”, que era a fábrica “Hauser e Fernandes”. Tenho as mãos marcadas com cicatrizes da espalda.

Em pequena, tinha de tomar conta dos meus irmãos, já que era a mais velha e tinha de os levar comigo. A minha mãe chegava tarde a casa, porque, enquanto houvesse peixe para descabeçar, ela tinha que ficar na fábrica.

Dois dos meus irmãos morreram. Um era ainda pequeno, morreu na Ribeira, caiu-lhe um fardo em cima. Era no tempo em que vinham os vapores carregar cortiça. O outro morreu com uma doença quando estava na tropa.



José Rocha (Zé Moleiro), em 1986



Custódia Rocha (2010)

Estava muito doente e não o levaram logo para o hospital porque achavam que ele estava a fazer fita. Quando o internaram já foi tarde. Os restantes também fizeram a vida de mar. A minha irmã Constância casou também com um pescador. Foram viver para Vila Nova de Milfontes. Passaram muitas dificuldades, mas agora estão orientados.

A nossa casa no Bairro

Em 1955, fizemos a casa no Bairro Marítimo. Era uma miséria, não tínhamos nada. A casa nem tinha reboco, estava só em tijolo. O Octávio é que a rebocou. Não nos levou nada. Veio cá a casa jantar com o meu Zé e quando viu o estado em que a casa estava ofereceu-se para rebocar. E assim foi. Eu nunca me esqueço dessa acção... E não nos pediu um tostão, ele sabia as dificuldades que passávamos. Demos-lhe algum peixe como agradecimento.

Havia muita gente a quem dávamos peixe. O meu pai apanhava o peixe que queria. Dávamos muito peixe, mas as pessoas às vezes não tinham como o cozinhar e tinham vergonha de dizer, então aceitavam o peixe mas acabavam por o deitar fora. Não tinham fogão, nem temperos para cozinhar. Algumas pessoas aparentavam não ter problemas, mas afinal passavam mal como nós, só que por vergonha escondiam. Passávamos fome. Eu ia à fruta do “Mochila” no Alcarial, ali onde agora está tudo cheio de prédios. Existiam lá muitas árvores de fruto.

O Rio do Ouro e o Rio da Maria Claudina

Lembro-me de ir lavar a roupa ao Rio do Ouro. Agora já não existe, está tudo mudado. Eram uns nascentes de água com uma força... Era a água, muito limpinha, a entrar por um lado e a sair por outro. Tínhamos de lavar de joelhos. A gente lavava a roupa, estendia, punha a roupa à cora. Estendíamos a roupa na areia e secava num instante. Depois dobrávamos. Trazíamos a roupa já dobradinha, parecia ela que estava passada a ferro. A roupa ficava tão bonita. Quando era roupa que largava tinta, a gente ia passá-la na água do mar e ficava muito boa.

Havia um rio onde só a minha tia Irene, a Claudina, a Paixão e a Maria Jacinta é que lá lavavam. Era o rio da Maria Claudina. Se elas chegavam lá e já estava alguém a lavar, elas despejavam o rio. Tinham umas cabanas onde faziam café e onde comiam e ninguém se aproximava das cabanas. Eu também cheguei a ir lá beber café porque a minha tia Irene me convidava. A minha tia via-me andar às camarinhas - eu gostava muito de camarinhas - e chamava por mim para ir beber café. Havia muitas camarinhas, agora já não há nada disso.

A partir de entrevista por Luísa Bruno, em 3 de Outubro de 2008

O naufrágio do “Pérola de Sines”

Além de merceeiro, António Beja também foi armador, mas não teve sorte. O naufrágio do seu barco, o “Pérola de Sines”, comoveu a vila.



Bóia, o único objecto que resta do “Pérola de Sines”

O “Pérola de Sines” afundou-se na passagem do ano de 1952 para 1953, tinha poucos meses de construído. Recebi a notícia no primeiro dia do ano de 53, logo de manhã, e fui com o Jacinto Gazil, pai da Beatriz Farias. Ele tinha uma moto e a gente meteu-se a caminho costa acima, porque o barco afundou-se perto de Melides.

O barco saiu daqui já com mau tempo. Eles chegaram a estar perto de Sesimbra, aí já estavam salvos. Iam à pesca da sardinha, com redes de emalhar, ali para a zona de Lisboa/Cascais.

De forma que eles foram para cima já de noite e foram até Sesimbra e o Alfredo que tinha o barco “Mar-Ave” disse ao José Baptista que tinha uma avaria, estava a meter água e que o melhor era voltar para trás e que o José Baptista viesse atrás dele, porque se houvesse alguma coisa com o barco “Mar-Ave” o José Baptista os socorria. Vieram, mas mais ou menos em frente de Melides o meu barco afundou-se. Ele, a companhia, morreram todos. Viram os homens morrer por cima da água.

O barco estava pago, mas ainda acabei de pagar o motor depois do acidente. Ainda tentei uma redução dado o acontecimento, mas eles deram-me um não.

Eu tinha muita amizade a toda a família do José Baptista. Tinha muita confiança

com ele e o barco estava organizado e registado. A papelada estava em nome dele, mas o capital investido, duzentos e tal contos, foi todo meu. Eu tinha um acordo verbal com o José Baptista de que quando eu fosse reembolsado de todo o dinheiro que lhe tinha empatado, desligava-me do barco, que ficava definitivamente em nome dele. E assim seria cumprido. Mas ele teve aquela infelicidade...

A partir de entrevista por Luísa Bruno, em 23 de Abril de 2010.

2 Verdadeiras Quadras

Dedicadas ao Naufrágio de Sines Aos Quatro Pescadores que Morreram Afogados.

[Extractos]

MOTE

**O pescador José Baptista
E seu filho Custódio Estêvão
Foram morrer afogados
Em ondas de aflição.**

1ª

**O Saul José Lopes
Plácido da Silva também
Sofreram muito desdém
Lutando nas ondas fortes
Assim se deram quatro mortes
Desapareceram de vista
Não há nada que resista
A um tempo tão valente
Deixou pena a muita gente
O pescador José Baptista.**

4ª

**Causou à gente do mar
O imenso sentimento
Foi um terrível tormento
Fez comover e chorar
Encontraram-se a esmolar
Os filhos sem terem pão
Aos seus pais do coração
Foi-lhes a esperança perdida
Assim findaram, a vida
Em ondas de aflição.**

Autor - Luciano Romão - Porto Covo - Visado pela Censura - Preço 1\$00

Maria Delmira Ferreira, vizinha dos Banhos Quentes

Maria Delmira Ferreira nasceu em Sines, perto do antigo Hospital da Misericórdia, em 1922. Oriunda de uma família de pescadores, viveu no pequeno bairro que existia na Praia Vasco da Gama. Conheceu bem os Armazéns das Armações e os Banhos Quentes e testemunhou na primeira pessoa a sua destruição aquando do ciclone de 1941.

Os moradores da praia

Quando tinha sete anos morava na praia de Sines. Havia casas ali à réis onde agora estão os carros. A gente morava numa casa que era dos pais do senhor Joaquim Barbosa. Logo à ponta da estrada, estava uma casa de 1.º andar, a casa da Tia Sofia, que arrecadava os toldos das pessoas. Depois era a casa da minha tia Ana Escalracha. A seguir, era uma correnteza de casas e um armazém onde estavam pessoas a morar. Vinham os algarvios para andar nas armações... Onde é que eles haviam de dormir? Nos armazéns dos barcos. No canto, era a minha casa e havia ainda outra casa grande, onde moravam aquelas pessoas de idade, aquela gente dos Sobrais, Chica Sobral, Tia Emília, Ricarda.

As armações

Vivíamos ao pé dos armazéns das armações de redes: a “Borboleta”, a “Benvinda” e a “Armação Velha”. Cada uma tinha o seu armazém. A companha vinha com as redes, algumas já estragadas, estendia-as na praia e os homens (uns 20 ou mais) sentavam-se a arranjá-las. Era muito bonito. O meu pai andou lá muitos anos. O que ele fez foi isso.

No mar, cada um tinha o seu bocado. Eles deitavam as redes, com umas bóias muito grandes, e depois, de manhã, iam levantá-las. Enchiam as barcas de peixe e vinham para a praia vender. Vendiam às canastras grandes e outras vezes vinham as barcas, carregadas de carapau ou de sardinha, e eles vendiam à lota. A lota naquele tempo era na praia.

A minha mãe trabalhava no peixe, a salgar. Era umas caixas grandes que a minha mãe salgava, com as outras mulheres. Trabalhava também na fábrica, feita escrava. Era a Fábrica do Fialho, que é agora aqueles prédios.

Os Banhos Quentes

Depois havia os Banhos Quentes, que era ao pé de um rio grande onde a gente ia lavar, do lado esquerdo quando vamos para a praia. Os



Maria Delmira na Avenida Vasco da Gama (2010)

Banhos Quentes eram uma casa grande e bonita, mobilada de camas para os doentes. Tinham uns tubos grandes debaixo da areia que iam ligar aos banhos com água salgada.

Vinha muita gente tomar banhos quentes e depois ia para casa. Mas muitos ficavam lá o dia inteiro, não tinham meios, e outros que eram aleijadinhos. Tomavam banho e vinham cá para fora. Tinham um terraço grande, punham cadeiras e eles ali estavam tomando banhos de sol. À porta, havia um aparelho muito lindo que tocava música.

Lá dentro havia banheiras de pedra, forradas de azulejo. Cada quarto tinha uma banheira, uma cadeira e um cabidezinho para porem a roupinha e tomarem banho. Vinha água salgada por umas torneiras e arrefecia juntamente com a água doce.

Aquilo era muito bem arranjado. Não tinha



Os Banhos Quentes ficavam encostados à barroca (cerca de 1900)

muitos funcionários, só uns dois ou três. Homens não sei se havia algum. As moças é que andavam lá a limpar e a arranjear.

As espanholas da lagosta

Para o lado da estrada da vila, em baixo, ficava o Armazém das Espanholas, que era muito grande. Depois eram os Banhos Quentes e depois era então o Rio. As espanholas vinham arranjear a rede das lagostas. Ficavam cá no Verão e de Inverno iam para casa. Usavam agulhas de madeira, enchiam-nas de fio e depois amanhavam as redes.

Vinha aí muitos barcos, as chalupas francesas, para a pesca da lagosta. Pescavam outros peixes, mas para vender era a lagosta. Pescavam aqui e depois levavam-nas para lá. As espanholas eram contratadas e vinham arranjear as redes das chalupas.

O vendaval de 1941

Mas o mar levou isso tudo. Fez um vendaval muito grande e levou as casas todas, levou tudo quanto havia ali na praia. Levou armazéns, levou a minha casa, levou as malas, arcas (que não haviam malas de roupa, eram as arcas), as mesas que a minha mãe tinha dentro de casa, máquinas de costura, levou tudo. A gente fugiu, assim que vimos a primeira onda grande. Os homens levaram a gente lá para cima, para o pé do hospital, para aquele muro. Daí é que a gente via. Mesmo assim, às vezes chegava lá o mar. Ai que grandes ondas, tão grandes... Só se ouvia estalar coisas e levar pelo mar a fora.

A partir de entrevista por António Campos e Ana Berta Cardoso (bisneta de Maria Delmira), em 7 de Maio de 2009

José Lopes, memórias do mar

José Lopes nasceu em 1935 em Espiche, a 6 km de Lagos. Faz parte de uma de muitas famílias algarvias que vieram para Sines em busca de trabalho. Aqui vai viver os seus anos de meninice. Sines é a terra de onde guarda as memórias de criança e os amigos.

A rapaziada que vinha do Algarve

Vim para Sines com dois/três anos. O meu pai vinha para aqui fazer as temporadas, primeiro nas armações, depois nas traineiras. Nas armações, eram uns quatro meses, ou assim, e depois ia para o Algarve. Passava lá o Inverno e voltava no Verão.

Quando o meu pai passou para as traineiras, arranhou cá casa porque já tinha trabalho todo o ano. Os pescadores de Sines pescavam mais era com aparelho, os do Algarve vinham para as traineiras e para as armações. E ficou aqui muita gente. Ainda hoje, se fomos a perguntar, há quem diga: “O meu avô é do Algarve, o meu pai é do Algarve...”

As barcas das armações

A armação “A Velha” tinha uma redondela branca à proa e a “Borboleta” era vermelha. “A Velha” estava aqui em frente ao Forte do Revelim, perto de terra. E a outra era para o lado do carvão. Preparavam a arte na praia, os ferros, correntes, redes, e levavam dali para o mar. Havia uma barca que era a maior, que quando armavam as redes no mar ficava sempre lá, aguentando a rede. Se entrasse peixe, o pescador que lá estava via e punha um

sinal. Havia um outro vigia cá de terra que ia dizer ao mestre e iam para o mar apanhar o peixe. Depois as outras barcas é que faziam o transporte do pessoal e do peixe, quando apanhavam.

As barcas eram encalhadas na areia, na Ribeira. Cheguei muitas vezes a ver os homens a descarregar o peixe com água até à cintura. O barco vinha carregado, ficava mais fora, não ficava muito em seco, e tinham de ir lá buscar o peixe, com aqueles chapéus de carrega. Era também nessas barcas que punham os fardos de cortiça para levar para os navios que estavam fundeados na baía.

Infância e ida para Angola

Quando era moço, às vezes fugia à escola, e havia um homem já de idade, chamado Zé Damas, que tinha um botezito com umas branqueiras, que eram umas redes de tresmalho. Naquele tempo, largava ali em frente ao salva-vidas. De manhã cedo ia desprender e cheguei a ir algumas vezes com ele. Eu quase não podia com os remos, mas sempre fazia jeito. Ainda me dava dez, cinco tostões.

Depois fui para a fábrica da cortiça, para ajudar a família. O meu pai com 38 anos já tinha



Barcos na antiga Ribeira de Sines

cinco filhos. Naquele tempo era assim. O meu pai era mestre da traineira “Mira Rio” e o patrão chamava-se José da Rosa. Tinha duas fábricas de cortiça. Fui para uma delas com onze anos. Depois ele vendeu as traineiras. O meu pai tinha família em Angola e foi para lá. Passados dois anos chamou-me para ir trabalhar para o mar com ele. Com quinze anos, uma criança...

O regresso

Fui em 50 e vim em 75. Quando regresssei, a minha terra era Sines. Foi por isso que não fui para o Algarve. Só nasci lá, lembrava-me era disto aqui. Em Angola já era mestre de uma traineira e quando cheguei cá comecei a trabalhar de contra-mestre na “Bom Pastor”. Era uma vida trabalhosa. Noites perdidas, debaixo de mar, de vento, de chuva. Pescava-se à noite, só de Verão é que se pescava de dia, mas era mais além em Morgavel. Às vezes andávamos a noite inteira e nada. Depois alguém dizia: “Vamos além a Morgavel!...” E lá se ganhava a pensão...

A partir de entrevista por António Campos, em 13 de Março de 2009